

## ASSIGNATURAS:

Portugal: anno, 600; semestre, 300 reis.  
Brazil: anno, 1\$200 reis, moeda forte.  
Offica: anno, 800 reis.

Pagamento adiantado

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE THOMAR N.º 3

Coimbra

Editor Elyseu da Silva

# Correio do Vouga

QUINZENARIO INDEPENDENTE

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

## PUBLICAÇÕES:

Annuncios, por cada linha, 10 reis.  
(Imposto de sello, por cada um, 10 reis.)  
Communicados, cada linha, 20 reis.

Para os srs. assignantes  
25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se gratuitamente todas as  
publicações litterarias com que  
este jornal for honrado.

COIMBRA

Cyp. Democratica

## A Politica e o Povo

Quem tiver seguido com frio e alevantado interesse a evolução da politica nacional nos ultimos tempos ha-de necessariamente chegar á triste e desesperadora conclusão de que em Portugal não ha politica, na verdadeira e nobre acepção da palavra. Trata-se de tudo menos de dirigir o paiz, segundo um principio supremo — e altamente salutar e moralizador —, attinente a alcançar o bem geral e harmonico da nação, a integração do bem de cada um dos seus membros.

Só assim é que se póde admitir a politica, que, exercendo-se na esphera legitima das suas attribuições, consideramos a unica força capaz de conservar solidamente organizada uma collectividade social, para poder avançar honesta e triunphante, resolvendo, sem grandes abalos, os obstaculos que é preciso sempre vencer no desenvolvimento de todo e qualquer organismo social.

Fóra d'isto, as revoltas, filhas de paciencias exgottadas e de desesperos reprimidos, hão-de mais cedo ou mais tarde rebentar, arrastando inevitavelmente a dissolução moral e material.

Em Portugal o que vemos é isto: os altos dirigentes do paiz têm a cada canto representantes, mandões, de ordinario só recomendaveis pelo dinheiro, e quasi sempre exercendo despoticamente o seu mandato.

O povo — a nação — deixa-se irreflectidamente guiar por elles, na esperança de que as suas promessas serão cumpridas, e de que uma vida relativamente desaffogada succederá á oppressão que sobre elle sempre tem pesado.

Passam annos sobre annos, e as promessas não se cumprem, a oppressão exerce-se cada vez mais forte, — e a esperança parece não desvanecer. O povo queixa-se, mas a occultas, quasi que delicadamente, continuando a cavar a sua propria ruina. E nós concluímos que elle está tomado d'um somno de morte, que perdeu a consciencia de que existe, — e que só por isso despreza o direito que legitimamente lhe

assiste de ser a força viva e soberanamente activa dos destinos do paiz.

A prova mais eloquente d'isto está a observar-se nos preparativos para as proximas eleições.

Não conhecemos acto nenhum em que o povo possa e deva attestar mais evidentemente o seu interesse pela vida da nação, pela sua propria existencia.

Mas elle não quer saber do que se está passando: não quer pensar na maneira como os seus representantes anteriores advogaram a sua causa, exactamente porque não quer incomodar-se a procurar outros, em quem reconheça as faculdades exigíveis para o desempenho d'uma tão alta missão.

Por isso, consente, sem o menor protesto, no accordo escandaloso que se está preparando entre todos os partidos politicos e em toda a parte do paiz, — que só tem por fim eleger representantes da nação, sem que esta dê o seu consentimento expresso e consciante.

O povo ha-de queixar-se necessariamente, embora tarde, mas só da sua indolencia, porque nada lhe dará o direito de se revoltar contra quem o governa.

## Villa d'Eixo

VII

### A freguezia

6.—Os aggregados parochiaes mais ou menos perfeita e fixamente constituídos, datam em Portugal, do Mondego para o Norte, pelo menos da epocha da reconquista.

«Desde longiqua dacta existiam essas «egrejas parochiaes», como hoje dizemos; a maior parte devia provir dos tempos wisigoticos-romanos... A pregação christã, se não se aproveitava dos templosinhos pagãos, christianizando-os, por força os havia de substituir logo — quantas vezes no mesmo local e com os mesmos materiaes! por humildes edificios posteriores successivamente ampliados em estrutura e dotação».

«... umas (egrejas) foram fundadas pelos senhores no dominio romano e wisigotico, outras por elles junctos com os cultivadores e o maior numero só por

estes». (Alb. Sampaio, «As «villas» do Norte de Portugal», cap. XIII).

A freguezia d'Eixo é de origem muito remota; e se não ascende até aos tempos wisigoticos, como é crível, é averiguadamente anterior á fundação da monarchia portugueza.

Em 1095 já a sua igreja, conforme o documento d'esta data, aqui por nós citado, tinha por patrono a «Santo Izidoro».

Naturalmente é o illustre arcebispo de Sevilha, que morreu em 636 e se festeja a 14 de abril, pois que a Igreja Catholica só «Isidoro» canonizou pelo menos 9, afora «Santo Isidro», que á fórma divergente da mesma palavra.

N'esta mesma epocha (sec. XI) e segundo o mesmo documento, existio em Eixo, como affirma Herculano, um pequeno mosteiro a que o servo de Deus, Zoleima Gundisalviz fez doação de certos bens «pro tolerantiae fratrum et monachorum qui ibidem habitantes fuerint».

Alguem, de certo ignorando como eram vulgares para aquellos tempos taes pequenos recolhimentos de vida religiosa, que serviam tambem, o mais das vezes, de seminarios ruraes (Alb. Sampaio, obr. e cap. cit.; Coelho da Rocha, «Ensino sobre a hist. do gov. e legisl. de Port., § 54) tem querido duvidar da existencia desse mosteiro, suppondo que seria apenas «egreja monasterial», que é como quem diz igreja cujo padroado pertencia a um convento.

A duvida não colhe em face do documento, que bem claramente se refere a «fratres et monachos», com quanto a vida de tal mosteiro possa ter sido ephemera e ingloria.

Até 1849 comprehendia esta freguezia os lugares de:

Eixo, Horta, Picoto, Granja de Baixo, Granja de Cima, Oliveirinha, Moita, Marco, Costa de Valade, Madruga, Valade ou S. Bento; os casaes de Rego da Venda e Valle do Diogo; Cavadinha e Povoia de Valade (a meias com Requeixo) Quintans (a meias com Ihavo) e Salgueiro (a meias com Souza).

Estas povoações occuparam um espaço de terrenos quasi totalmente constituídos pelo cretaceo bellasiano e senoniano, approximadamente em partes iguaes, com uma pequena lista de alluviaes modernas na margem do Vouga, uma nodosita de plioceno em Horta e ao sul em Gandra, Costa de Valade e Quintans e um afforamento minuscuro de cretaceo turoniano no cabeço da «Mámoa».

No sentido N. N. E. — S. S. O. teria então de comprimento maximo 11<sup>km</sup>,5 e uma largura media de uns 4<sup>km</sup>, ou seja uma area approximada de 46 kilometros quadrados.

De resto não havia relevo pronunciado, onde a maior altura era 19<sup>m</sup>. no citado cabeço da Mámoa, donde todo o territorio começa novamente a desambar para o lado d'Aveiro, em uma altitude media geral de 50<sup>m</sup> acima do nivel do mar.

Em 1849, porem, deu-se um facto que, não só por corresponder a certo interesse dos povos do sul da parochia, mas tambem para satisfazer, e principalmente por isso, os caprichos de campario de certas potencias politicas, scindio injustamente este territorio, até então ecclesiasticamente unido, em 2 partes: d'um lado ficou a villa d'Eixo, antiga matriz, apenas com os insignificantes logares de Horta e Azenha de Baixo, e do outro a novel freguesia de Oliveirinha, agora sahida das cascas e não tendo a precedel-a no choco nem ao menos a existencia de um curato, como era de uso, com todo o resto do esbulho.

Realizou esta «notavel medida de salvacao publica» um decreto de 2 de maio de 1849, que reduziu a estensao da freguezia d'Eixo de 46 a 16 kilometros quadrados de area.

E os d'Eixo protestariam contra a expolição?...

Th. Ramires.

## A «Maslôva»

Do «numero unico», que um grupo de estudantes de Coimbra dedicou á inconfundivel actriz Adelina Abranches, transcrevemos o seguinte artigo, devido á brilhante penna do nosso illustre collaborador sr. Dr. Mario de Vasconcellos:

Eu só conheço Adelina Abranches da Resurreição — na Maslôva.

Mas bastou essa sua criação para eu me convencer de que via ali uma actriz de primeira ordem, dotada d'uma grande intuição psicologica.

Ella consegue dar a essa creatura franzina muito d'aquelle mysterioso feminino, que envolve as mulheres de Tolstoi e que *doit rester incomprehensible pour un esprit sain*, como diz um grande medico; e eu senti realmente a impressão d'um mysterio quando comeci a surprehender aquella alma pudica e discreta; semi-velada na dissolução viciosa.

A medida que a acção avança a personagem va-se revelando — ou melhor — fazendo-se adivinhar. A dôr que a consome, a alegria que lhe doira o sorriso — a sua colera serena

e passiva não se exteriorizam ruidosamente; nós temos de surprehendel-as em vestigios leves e subteis na physionomia, no gesto e na attitude.

E foi n'estas pequeninas revelações psicicas que eu comeci a notar, em Adelina Abranches, a grande artista.

«Katucha», a graciosa pupilla das velhas fidalgas russas, apparece-nos depois mascarada na «Maslôva»; mas a verdadeira mulher existe muito fundo, disfarçada por detraz de habitos grosseiros e torpes — soffrendo ainda do enorme desastre do seu primeiro amor, vivendo ainda aquellas horas d'amargura horrivel, d'onde sahira, n'uma allucinação, para a vida viciosa.

Ao vel-a, conhece-se a rameira vulgar de rizo canalhamente ruidoso, a psychologia deformada apparentando septicismo, n'um fundo doloroso e forçado; mas uma enorme injustica cae um dia sobre ella e faz agitar profundamente a sua alma medrosa e finamente reflexiva, mergulhando-a n'uma prostração, n'uma indifferença animal — protesto supremo das profundidades do seu ser contra a injustica e a malvadez dos homens.

Apparece então alguem que ella odeia, e que obscuramente faz responsavel da sua desgraça — e elle falla-lhe em perdão, em amor, no passado doce e tranquillo e longinquo... e foi como a brancura d'um luar a derramar-se na negrura da sua alma.

Mas o contraste cae-lhe no espirito como um raio; a dôr irrompe e o odio volta, e blasphemia, e accusa, n'um accesso de colera que transfigura a prostituta, illuminando a verdadeira mulher, erguendo-a á altura symbolica d'um Prometheu feminino, agrilhoado á rocha do vicio por que um dia se deixou arrastar, n'um movimento anhelante do seu ser, á conquista do sagrado fogo do Amor.

Começa depois a Resurreição lenta da moralidade — viagem perigosa com desfallecimentos, tendo a doirar-lhe o caminho a doce lembrança d'um passado, que se idealisa agora, pelo resurgimento do antigo, velho amor — terminando por uma affirmação superior e nobre d'abnegação e sacrificio.

Como vêdes é uma epopéa muito simples, muito profunda e muito larga.

Calculae agora que esforços d'estudo, que prodigios d'intuição artistica, que amplitude de recursos theatraes são precisos para fazer viver em scena essa creatura, graciosa e pudica primeiro, depois profunda e injustamente desgraçada, aviltada e infame, e finalmente heroína d'um verdadeiro poema de resurgimento moral, que tem a coroa-o a sublime abnegação da propria felicidade!

Adelina Abranches alcançou esse triumpho.

Talvez que, no nosso meio artistico, só o seu talento amadurecido na vida e na scena, fosse capaz de realizar essa criação formidavel; pois que aqui não se trata da banal exteriorisação d'uma psychologia falsa ou mediocre, da macaqueação da vida franceza, de que o nosso theatro vive, e tantas reputações tem feito.

Era preciso alguem que tivesse soffrido, que tivesse seguido a curva da existencia a passo e passo, com as suas dôres e alegrias, triumphos e desillusões, para conseguir realizar essa grandiosa interpretação scenica.

Mario de Vasconcellos.

## Resposta a "Uma carta,"

Não porque amemos a discussão, mas porque se nos impõe o dever de responder com *ss* e *rr* á carta do sr. Ferreira das Neves, que nos parece haver sido inspirada por uma parcialidade cheia de entusiasmo, vamos vêr se conseguimos demonstrar com factos, contra que não ha argumentos, que aquelle sr. perdeu uma ótima occasião de estar calado, quando disse que não eram exactas as nossas informações concernentes á greve dos compositores typographicos.

Antes de entrarmos no assumpto propriamente dicto, pedimos licença para substituímos 1\$300 reis que, por lapso typographico ou por falta minha na transcripção, sahiram por 1\$300 reis, que sendo a cópia fiel dos apontamentos que tenho ainda sobre a minha mesa de trabalho, em nada enfraquecem as afirmações que sustentamos, nem justificam a escrupulosa emenda do sr. Neves.

No «Seculo» de 26 de abril, na pag. 2 e quasi a meio da primeira columna, e no «Diario de Noticias» do mesmo dia, proximo á mesma altura da pag. 1, depois de algumas verdades que o sr. Neves finge ignorar, lê-se:

«...quanto a «exploração», que o digam as tabellas de preço de mão de obra que as empresas patentearam nos seus escriptorios e que accusando em relação a 30% dos compositores dos jornaes de Lisboa, uma média geral de 1\$200 reis a 1\$400 reis por dia, e, em relação aos restantes, de 800 reis a 1\$100 reis diários, eram a prova mais decisiva e melhor documentada da situação, talvez unica e sem igual, que elles tinham, no operariado portuguez...»

Mas, não ficamos por aqui, vamos mais longe ainda.

Temos em nosso poder uma tabella dos vencimentos dos typographos do «Diario de Noticias», durante as semanas de 9 e 16 de abril, tabella que vimos exposta n'uma sala da redacção deste importante diario, e que foi publicada no dia 18 de abril.

Dêmo-nos ao trabalho de determinar a media dos vencimentos diários durante a semana de 9, em face dessa tabella; e vimos que ella foi de 1\$18,7 reis, o que não dista muito dos 1\$500 reis, que, como dissemos acima e repetimos aqui, sahiram errados, e que tão manifesta admiração causaram ao sr. Neves.

Dos typographos do «Diario de Noticias», o que ganhavam menos no tempo que decorreu entre 9 e 23 de abril, ganhou 869 reis diários; e o que ganhou mais, ganhou 1\$836 reis por dia!

Ajuntemos a isto as gratificações de piquete de 500 reis, por noite, e a paga na integra dos dias em que o jornal se não publica, afóra o auxilio a doentes e a um impossibilitado, que a redacção abona, e não poderemos tirar outra conclusão que não seja a de que foi injusto o abandono do trabalho pela classe typographica.

Pela tabella de que vimos falando, se vê que os lucros são função do trabalho, pois que alli se vê que o typographo sr. Custodio dos Santos ganhou na semana de 9 de abril 2\$089 reis por dia, e 1\$333 reis na semana de 16 do mesmo mez.

Consulte o sr. Neves a sua consciencia depois desta leitura, que certamente deve concordar em que a sua «emenda» foi bem peor que o meu «soneto».

Feita assim a resposta, muito á ligeira, á primeira parte da carta do sr. Neves, vamos tratar de responder á segunda, servindo-nos ainda de dados superiores a argumentos.

Depois de algun as considerações algo discordantes da verdade, conclue o sr. Neves que a «greve» foi dos jornalistas!

Leiam o que no «Seculo» de 26 de abril se segue á transcripção da communicação «do representante dos jornaes de Lisboa ao exm.º sr. governador civil», e todas as restantes communicações trocadas entre a classe typographica, o sr. governador civil e os representa-

tes dos jornaes, alem da resposta do sr. presidente do conselho á referencia do sr. deputado Lourenço Cayol á ácerca da suspensão dos jornaes, e verão que o movel unico desta suspensão do trabalho foi a exigencia de augmento de vencimentos e deminuição de trabalho, o que é nem mais nem menos do que o que se chama... «uma greve».

Agóra, para terminar, não deixaremos de dizer que o sr. Neves não devia extranhar que o sr. Heliodoro Salgado deixasse de patrocinar a causa dos «grevistas», poisque sabia, como mostrava na sua carta, que aquelle prestimoso cidadão tem por costume tomar a defesa do proletariado, mas quando a sua causa é justa e não infundada e injustificavel, como a de que se trata.

Creia, sr. Neves, que temos grande respeito pelo trabalho, e temos incutidos os principios liberaes que as novas gerações bebem nos bancos das escolas, e que de forma alguma podemos achar uma centelha de sympathia que votassemos á causa da greve typographica.

J. O. S.

## Noticiario

**Malas do correio de Eirol e Requeixo** — Foi attendida a reclamação, que fizemos num dos nossos ultimos numeros, para que as malas do correio de Eirol e Requeixo fossem fechadas na estação telegraphica d'esta villa.

A sua conducção foi arrematada no dia 29 pelo sr. Miguel Martins, pela quantia de 80 reis diários, isto é, quasi metade do que custava anteriormente.

E'-nos extremamente grato registrar este facto, e, em nome dos habitantes d'aquellas localidades, agradecer ao sr. director geral dos correios a attenção que dispensou ás suas justas reclamações, de que nós não fomos mais que interpretes.

**Desastres** — No dia 19 do mez passado, andando Henrique Gomes de Carvalho a gradar uma propriedade do nosso amigo sr. João Nunes de Carvalho e Silva Junior, na occasião em que ia a passar uma pequena regueira, uma das vacas poz-lhe uma pata sobre uma perna, fracturando-lh'a.

Foi immediatamente conduzido para casa d'aquelle nosso amigo, onde, passado algum tempo, chegou o sr. Manuel Gonçalves Netto, habil e muito conhecido algebrista, d'Aveiro.

Foram-lhe prestados todos os soccorros precisos, sendo o seu estado verdadeiramente animador, o que muito estimamos.

—Estando um filho do sr. Arnaldo Simões Pereira a tocar o sino, foi colhido por este, que lhe fracturou um braço.

E' um exemplo em que os paes devem attentar, para terem mais cuidado com os filhos, não os deixando ir á igreja para aquelle fim, que constitue um divertimento predilecto de quasi todas as creanças da aldeia.

São os sachristães que estão encarregados d'aquelle serviço, e os parochos devem ter a obrigação de intervir, de maneira a evitar aquelles incidentes, que não raras vezes se dão.

—Ainda mais um desastre succedeu ha alguns dias, e tambem devido quasi exclusivamente á incuria dos paes.

Uma creança de 8 annos, filho do sr. Silverio Pires, do logar de Horta, ia sentado num carro carregado de azevem. Caiu, como é muito natural em tal caso, soffrendo muitas e graves contusões.

**Caminho de ferro do Valle do Vouga** — Segundo lêmos no nosso prezado collega *Soberania do Povo*, chegou a S. Pedro do Sul o engenheiro Charles Philebert, que vae proceder ao reconhecimento do traçado no projecto da linha ferrea, de que ha tantos annos se anda a tallar.

Diz-se que começarão por estes dias os trabalhos de expropriação de terrenos.

Se assim fôr...

**Exame** — Fez ha dias exame de grego na Universidade o sr. Dr. Arthur Marques Figueira, nosso prezado amigo e intelligente alumno do 5.º anno da faculdade de Theologia naquelle instituto scientifico.

Os nossos cordeaes parabens.

**Consortio** — Na freguezia da Oliveirinha, consorciou-se ha dias o nosso prezado conterraneo sr. Antonio Simões da Rocha, com uma irmã do sr. Diamantino Diniz Ferreira, digno director do Collegio Mondego em Coimbra.

Desejamos-lhes um futuro cheio de venturas.

**Fallecimento** — Falleceu no dia 25 a sr.ª Ludovina Rodrigues de Jesus, que era geralmente estimada, pelo que a sua morte foi muito sentida.

Paz á sua alma, e os nossos pezames á familia enluctada.

**Festividade** — No visinho logar de Azurva realisou-se ha dias a festividade em louvor do S. Geraldo, que alli costuma ser festejado todos os annos.

Houve missa solemne, precissão e arraial, que esteve muito animado, sendo grande a concorrência de pessoas nos logares circumvisinhos.

**Promoção** — Acaba de ser promovido ao posto de major e collocado em infantaria 24 o sr. Francisco Pereira de Lemos, capitão de infantaria 23.

Este brioso e distincto militar exerceu em Coimbra, durante alguns annos, o cargo de commissario de policia.

**Absolvição** — Acaba de receber telegraphicamente a grata noticia de que o nosso prezado amigo sr. Avelino Dias de Figueiredo ficou absolvido na querella que injustamente lhe moveram, e cuja sentença foi dada hoje.

Regosijamos.

**Aos nossos assignantes** — Em virtude dos muitos trabalhos que o director d'este jornal tem durante este mez, não podemos publicar o proximo numero, ou, pelo menos, teremos de addia-lo alguns dias.

Esperamos que os nossos obsequiosos assignantes nos releve esta falta, que procuraremos compensar.

## EXPEDIENTE

**Aos nossos obsequiosos assignantes do Brazil pedimos a especial fizeza de enviarem a Alfredo de Magalhães—Eixo (Aveiro)—a importancia da sua assignatura, pela maneira que lhes fôr mais conveniente, visto que para alli não se faz a cobrança por intermedio do correio. A todos consignamos aqui o devido agradecimento.**

**Aproveitamos a occasião para testemunhar o nosso profundo reconhecimento áquelles que tão amavel e espontaneamente no-la enviaram.**

## Noticias pessoases

## Estadas:

Encontra-se n'esta villa, hospedada em casa do sr. José Ferreira Barbosa, a familia do nosso amigo sr. Juvenal Cardoso da Silva.

—Tambem aqui está, em gôso de licença, o nosso prezado conterraneo sr. Elias Marques de Carvalho, segund aspirante do circulo aduaneiro, em Lorenzo Marques.

Apresentamos-lhe os nossos cordeaes cumprimentos. —Esteve em Mattosinhos, de visita a seu filho sr. Sebastião Soares de Lemos, o nosso amigo sr. Ildefonso Soares de Lemos.

—Encontra-se nos Covões, Cantanhede, o nosso illustre collaborador e amigo sr. Dr. Mario de Vasconcellos.

—De visita ao sr. João Nunes de Carvalho e Silva Junior, esteve ha dias n'esta villa o nosso illustre amigo sr. Dr. Homem de Mello, antigo deputado da nação.

—Estiveram em Aveiro, no dia 25, a sr.ª Maria Thereza de Figueiredo e seu filho sr. Carlos Rodrigues de Figueiredo.

—Esteve na Figueira da Foz, onde foi assistir á tourada que os alumnos do 4.º anno da faculdade de direito alli realisaram no dia 2, o nosso prezado amigo sr. Aristides Dias de Figueiredo.

## Partidas e regressos:

Partiu no dia 2 para o Troviscal, Oliveira do Bairro, o nosso prezado amigo e collega de redacção sr. Alvaro Pato.

—Acompanhado de sua exm.ª familia, partiu para Espinho o nosso amigo sr. Eduardo d'Oliveira Barbosa.

—Com suas exm.ªs esposa e filha, regressou da capital, onde se demorou alguns dias, o nosso prezado amigo sr. Avelino Dias de Figueiredo.

—Regressou a Coimbra o nosso amigo sr. Manuel Luiz Ferreira de Abreu, alumno do seminario d'aquella cidade, que aqui esteve durante alguns dias, por motivo de doença.

Foi completamente restabelecido, o que muito estimamos.

## Docentes:

Passa incomodado o nosso illustre amigo sr. Dr. Eduardo de Moura, illustrado clinico n'esta villa, onde gosa de muita sympathia e respeito.

Fazemos ardentes votos pelo seu rapido restabelecimento.

—Tambem tem estado doente a sr.ª D. Angelica de Lemos, cujas melhoras desejamos.

—Está completamente restabelecido o nosso amigo sr. João Nunes de Carvalho e Silva Junior, o que sinceramente estimamos.

## Escorços scientificos

## LIBERDADE E RESPONSABILIDADE MORAL DO HOMEM

O n.º 9 do «Correio do Vouga» só me chegou ás mãos muito tempo depois de publicado, perto de um mez depois.

Quando o recebi, abri-o logo com aquella curiosidade que em mim desperta sempre tudo quanto é novo, e na segunda pagina logo me prendeu a attenção um artigo intitulado — *Escorços scientificos* — *A penitenciaría*. (E' que eu gosto de tudo quanto é scientifico).

Como facilmente se deprehende do titulo, eu julguei que o artigo que ia ler tratava da penitenciaría, mas qual não foi o meu espanto quando logo no primeiro periodo vi o contrario: «Não vos venho fallar desse regimen tão lamentavel, etc. e no segundo: «Isso seria para mim tarefa ardua se não impossivel»!

Ora por amor de Deus, senhor auctor do artigo, então se não vem fallar da penitenciaría, para que é que poz tal palavra lá no cimo? Olhe que é pecado enganar assim os leitores do «Correio», que, como eu, em vez de se deterem alli podiam passar logo ao folhetim ou á secção litteraria; — palavra de honra que o sr. já me parece o *Zé Clemente* com os seus originaes reclamos aos gabões d'Aveiro! E olhe que mritos certamente não chegaram ao fim da sua *penitenciaría*, é muito natural que, ao verem tal declaração no principio, o deixassem logo; mas eu não fui d'esses; pode erer que cheguei ao fim — «o tempo falla-me».

Mas no terceiro periodo o sr. S. M., — que é quem firma o artigo e que eu não tenho a honra de conhecer — já diz que vae fallar, ou quero dizer, protestar contra *isso a que chamam prisão*. Lá se está o dignissimo articulista a contradizer!

Mas deixemos isto e passemos ao principal. O sr. S. M. começa a protestar então contra esse pernicioso regimen que julga «menos suave e ainda mais barbaro que a forca d'outros tempos» e que é sem duvida a penitenciaría.

Em parte concordo com o sr. S. M., porque eu vejo na penitenciaría alguma coisa de horroroso, terrivel mesmo. Mas é precisamente nesse horror que ella inspira, nesse terror que ella infunde, que eu lhe reconheço alguma utilidade.

A penitenciaría mete medo como toda a prisão, e esse medo como já tenho observado, impede a consumação de muitos crimes. E' pois esta a utilidade que lhe reconheço.

Mas o sr. S. M. pretende que todos os que entram para a penitenciaría são degenerados ou doentes. Não é tanto assim; todo o homem pôde commetter um crime e por isso ser internado naquella prisão. E por acaso um homem são, cujo estado pathologico não infunde o menor receio, tornar-se-ha doente pelo facto de commetter um crime, isto é, poder-se-ha chamar-lhe doente desde o momento em que praticou o crime?

Parece-me que não. Portanto, embora na penitenciaría haja algum doente-criminoso, contado nem todos os alli reclusos o são. Pelo facto de um o ser, não se segue que todo os outros o sejam.

E' tambem verdade que alli o recluso, afastado por completo de toda a convivencia social, embrutecer-se ha mais ou menos, infalivelmente; e embrutecer-se-hia por completo, se não fosse alguma educação e instrucção que lá lhe ministram e que de muito lhe poderá servir, se a aproveitar, quando fôr restituído á liberdade.

E a condemnação desses homens que atacam o seu semelhante ou a sua propriedade, a sua eliminação do convívio social é exigida pela propria sociedade que, aspirando á paz, socego, não quer, e expulsa do seu meio todo o elemento ao perigoso, toda a causa de desordem. O proprio Garofalo, cujas doutrinas criminalistas julgamos o sr. S. M. seguir, lá diz: «é preciso escolher todo o elemento que foi organiado para o bem... e eliminar todo aquelle que possa ser causa de desordem ou perturbação»;

e apella para a segurança publica, dizendo que ella « é o unico motivo que justifica o emprego de meios coercitivos ».

Mas o sr. S. M. pergunta em nome de quem se condemna um homem que « roubou para não morrer de fome, ou então porque se martyrisa um doente que, impellido por condições especiaes de temperamento, ataca o seu semelhante na vertigem da loucura.

Enquanto aos que roubam, ou elles são doentes e fracos, ou são sadios e mais ou menos fortes. Doentes e fracos não roubam, e se roubam são coisas de tão pouca importancia que ou não são condemnados, ou são condemnados a penas insignificantes, o que ainda é rarissimo. Os robustos, todos aquelles que podem ganhar o sustento pelo trabalho e, não o fazendo, roubam para matar a fome, devem ser castigados, bem como todos os que despojam o proximo do producto do seu trabalho ou dos seus.

E os que entram para a penitenciaría por crime de furto, nunca são dos que o cometeram para matar a fome, pois que os roubos destes são sempre rediculatorias; mas são d'aquelles que roubaram para enriquecer, para viverem na ociosidade sem trabalhar, e cujos furtos são sempre grandes, pois que esses figurões não se occupam com pequenas coisas.

O ladrão deve sempre ser castigado, exige-o a moralidade e a segurança publica, pois que o roubar nunca é licito.

Dos que atacam o seu semelhante, e em cujo numero eu conto todos os homicidas, desses que nos nossos tribunaes são condemnados por crime de offensas corporaes na pessoa do seu proximo, desses digo são muito raros os que são loucos na realidade, bem como não são raros os que o pretendem ser. E todos esses de cuja boa disposição mental se duvida, parece-me que são examinados por peritos medicos antes de serem julgados, e, quando é reconhecida a sua loucura, não vão para a penitenciaría nem para outra casa semelhante, mas sim para uma casa de saude. Enquanto ao temperamento, é certo que elle ás vezes torna mais facil a pratica d'algumas acções, mas o que é certissimo é que elle não destrua a voluntariade dos actos humanos, pois que o temporamento pode ser corrigido e subordinado pela esperança.

E agora vem a lume muito naturalmente a questão da liberdade moral do homem que o sr. S. M. nega evidentemente n'aquella parte do seu artigo em que diz: « Essa lei feroz e absurda que cynicamente nos proclama livres... deve ser rasgada em nome da sciencia, da razão e da dignidade humana ».

Primeiramente devemos advertir o sr. S. M. de que a abrogação da lei que nos proclama livres, isto é, a negação da liberdade humana viria destruir toda a moralidade e a propria sociedade, desappareceria a differença entre o bem e o mal moral, ou antes todas as acções do homem seriam honestas, boas, porque seriam inevitaveis; desappareceria todo o dever mutuo; premios ou castigos seriam verdadeiros absurdos, ninguem poderia impedir o roubo, a violação, o assassinato, nem moral nem materialmente, aliaz oppor-se-hia á lei natural; isto é, desde o momento em que fosse proclamada a não liberdade do homem, a sua irresponsabilidade moral, a sociedade ficaria destruida.

Desde esse dia em que se declarassem involuntarios todos os actos humanos, qualquer bandido podia atacar numa praça publica, em face de uma multidão, o sr. S. M. Podia elle roubar-o, assassinar-o, que ninguem se lhe poderia ou deveria oppor, pois que esse acto era necessario e inevitavel, e o sr. S. M., para ser coerente com as suas doutrinas, devia ainda gritar até ao ultimo alento — elle mata-me, mas não tem culpa; elle é irresponsavel, deixem-o em paz! Ein?! E que tal lhe parece? Ao sr. pôde parecer muito lindo, porque depois podia ser considerado um «martyr» da «verdade», e os povos da terra podiam erguer-lhe

um monumento... mas já me esquecia, não podiam, não, e não podiam porque alguém ou toda a gente diria que se o sr. advogou a irresponsabilidade do homem não fez favor nenhum, foi a isso obrigado; e fosse o sr. lá dizer o contrario!

A razão, a consciencia, a dignidade humana, a sociedade não podem prescindir dessa lei que nos proclama livres e já mais pedirão que ella seja abrogada.

A consciencia atesta que o homem é livre, e só pod'ria dizer o contrario quem a calcar aos pés, quem desprezar o seu fidedigno testemunho. A sciencia nada prova de contrario a essa lei.

A sciencia atesta apenas que ha casos, em que a voluntariade dos actos humanos diminue e chega mesmo a desaparecer. Esses casos são excepções áquella lei, e entre elles se contam a loucura, a epilepsia, o histerismo, o somnambulismo etc.

Mas excepções nunca destruíram uma regra. Por isso a lei que nos proclama livres nunca poderá ser rasgada em nome da sciencia, da razão, da dignidade humana.

Agora, para terminar, pois que este já vae longo: o sr. S. M. não julga o homem dotado de livre arbitrio. Mas eu sou homem e a minha consciencia atesta-me que eu sou livre, sou livre e portanto responsavel. Talvez eu seja uma excepção, contudo não o julgo. (Não sei se o sr. S. M. será um sceptico de tal ordem que negue o testemunho da consciencia; talvez).

Mas (por condescendencia) então o sr. S. M. não é livre. Se não é dotado de liberdade, é destituído de responsabilidade. E eu tirando a conclusão de que o sr. S. M. é irresponsavel ponho já ponto nesta questão, pois que é uma verdadeira loucura, é mesmo indigno, pedir contas d'um acto ao homem que o praticou « involuntariamente », isto é, sem saber o que fazia.

E eu fazendo isto só applico ao sr. S. M. as doutrinas que professa. Tirei apenas uma conclusão logica das suas affirmações, uma dedução legitima dos seus principios.

E por hoje nada mais; só fico com pena de não ter dito aqui tudo quanto desejava e quanto era preciso.

*Emygdio Severo.*

Correspondencias

Lisboa, 28.

Sob o commando do almirante Barker espera-se que na terça-feira entre a barra de Lisboa uma poderosa esquadra americana, que se acha fundeada no porto da Horta, e que vem ás aguas do Atlantico para continuar os exercicios de baldeação de carvão no alto mar, que no anno passado encetou.

Projecta-se uma recepção condigna aos illustres officiaes d'esta esquadra, por parte do governo e do ministro americano na nossa côrte.

E' provavel que um vaso de guerra brasileiro se encontre com esta esquadra no nosso Tejo.

— Tem estado muito doente no seu palacete da rua dos Navegantes o sr. José Luciano de Castro, illustre chefe do partido progressista, que felizmente hontem começou a experimentar algumas melhoras.

Desejamos-lhe um prompto restabelecimento.

— Remiram em Lisboa os membros do «congresso Maritimo Internacional» que nas sessões hontem encerradas, continuaram a sua longa serie de trabalhos, de caracter humanitario e scientifico, que são duma grande utilidade universal.

Inumeras festas officiaes teem tido lugar, em honra dos congressistas estrangeiros, que escolheram Portugal para ser este anno a sede de reunião, não só pela sua situação geographica «á beira mar plantado»; mas principalmente por deferencia para com o nosso rei, que se tem mostrado um verdadeiro fanatico pelos estudos oceanographicos.

—Do primeiro patamar do elevador de Santa Justa, que fica a uma muito respeitavel altura, se precipitaram em dias diferentes um homem e uma mulher, que desesperaram da vida por motivo de doenças incuraveis que os affligiam.

Para no futuro se evitarem espectaculos d'esta natureza, que punham em constante perigo a vida dos transeuntes na proximidade do elevador, intinou o sr. governador civil a empresa a construir gradeamentos de altura sufficiente, para não poderem ser escalados pelos tresloucados que alli viam um infallivel meio de porem termo á vida.

São já tres os suicidios alli havidos.

J. O. S.

Cacia 27 de maio.

Realizou-se nos dias 21 e 22 a festividade ao Espirito Santo, cujo programma demos n'uma das nossas ultimas correspondencias.

Não nos enganamos quando dissemos que seria feita com grandeza, e hoje podemos afirmar que muito tarde tornaremos a ter aqui uma festa que tão gratas recordações nos deixe. Tudo correu na melhor ordem, tendo nós simplesmente a elogiar aquelles que n'ella entraram.

As philarmonicas de Fermentellos e de Canellas portaram-se á altura dos creditos de que gosam. A illuminação, fogo preso e do ar, satisfizeram, não se podendo exigir mais n'uma aldeia. A decoração da capella, que foi confiada ao sr. Francisco Carvalho, d'Aveiro agradou. A missa foi feita pela orchestra de Fermentellos.

O sermão, pregado pelo orador sagrado rev. João Canastreiro, deixou os ouvintes bem impressionados. Na procissão, que foi muito bem organizada, figuraram 3 andores, 37 cruces e muitos anjinhos.

Na tarde de domingo houve arraial, abrilhantado pela fanfarrá do «Asylo — Escola Barbosa de Magalhães», que pela primeira vez aqui tocou em arraial.

Foi esta a surpresa, a que nos referimos na nossa ultima correspondencia.

As 9 horas da noite de domingo principiou o entremez por uma trupe de rapazes de Verdemilho, dirigidos pelo sr. Manuel Gonçalves d'Oliveira, a quem damos os nossos parabens.

— A fim de assistir aos festejos, esteve n'esta localidade, retirando já para Coimbra, o laureado academico e nosso prezado amigo sr. Manuel Rodrigues Pardinha.

— Tambem aqui esteve, com demora de alguns dias, o illustre filho d'esta terra sr. Dr. Manuel Nunes da

Silva, digno juiz de direito em Caminha.

S. ex.<sup>a</sup> foi visitado pelos seus numerosos amigos d'esta terra, que se pôde dizer, são todos os seus conterraneos.

—Nos dias 18 e 19 do proximo mez, realizar-se-ha, no lugar de Vilarinho, d'esta freguezia, a festa ao lhaumalurgo Santo Antonio, que será abrilhantada pelas philarmonicas de S. João de Loure e de Esgueira.

Lucas.

S. João de Loure, 27

Não é verdade ter fallecido em Loure a mulher de Antonio do Calvario, victimada por um desastre, como affirma certo jornal. Esta noticia causou geral indignação e moveu o sr. Joaquim de Oliveira, empregado da Panificação Lisbonense, filho do sr. sr. Calvario, a abandonar o lugar para vir chorar no seio de sua familia a perda da mãe.

E' infelizmente verdade estar a mulher gravemente contusa n'um braço e na cabeça, devido ao espezinhamento das vacas que ao descerem uma ladeira não poderam segurar o carro carregado de areia por haver partido uma correia.

— Parte brevemente para Mondariz, a fim de procurar alivio aos seus padecimentos, a sr. D. Maria Innocencia d'Araujo Ferreira, que n'esta freguezia occupa distincta e nobremente a chefia progressista. Fazemos votos para que S. Ex.<sup>a</sup> experimente as melhoras que deseja.

— Está livre de perigo Manuel Ribeiro, de Pinheiro, que, como dissemos no numero anterior, havia sido agredido á navalha por José Pires dos Santos.

— A nascença do vinho foi regular, e, como o tempo lhe tem corrido favoravel, ha esperanças da colheita ser abundante.

— Acaba de montar uma alquilaria, na Rua Nova, o sr. Antonio Francisco, o Gafanhoto.

— Grassa intensamente em toda freguezia a coqueluche nas creanças.

— Regressou de Manaus o sr. João Fernandes.

— Depois de algum tempo de demora em Pinheiro, partiu para Castello de Vide a sr.<sup>a</sup> D. Conceição Marques.

— Vindo de Lisboa chegou hontem a Loure a sr.<sup>a</sup> D. Anna Nogueira.

Juca.

BIBLIOGRAPHIA

Da arrejada empreza A Editora, o Largo Conde Barão, 50, Lisboa, recebemos os fasciculos 5.º, 6.º, 7.º e 8.º do sensacional romance *Os ultimos escandalos de Paris* de Dubout de Laforest, a que já nos referimos n'um dos nossos ultimos numeros.

A Editora mandou nos juntamente o seguinte avizo:

*Leonor Telles*, sensacional romance historico por Marcelino Mesquita, o popular auctor do drama com igual titulo, representado innumeradas vezes e applaudido entusiasticamente e delirantemente nos theatros *D. Maria e D. D. Amelia*, acaba de firmar contracto com a Editora para a publicação d'este seu novo original, *verdadeira obra prima litteraria* da actualidade. Grande edição de luxo profusamente illustrada com gravuras de pagina a 12 côres, por *Manuel de Macelo e Ropue Gameiro*, e impressa em magnifico papel. *Caderneta* semanal de 24 paginas e 1 chromo ou 32 paginas de texto, 60 réis. Tomo mensal, 300 réis. Brinde a todos os srs. assignantes, um exemplar *gratis* a quem enviar a importancia de 10 cadernetas, tomos ou volumes.

Em publicação na Editora, largo do Conde-barão, 50, Lisboa, aceitam-se correspondentes em todas as terras do reino.

PEQUENO RESUMO

DA Historia Antiga do Oriente

Para uso das escolas Normaes, Lyceus e Seminarios

DIOGO NUNES  
medico e professor

Um pequeno folheto de 50 paginas, que contem o indispensavel para o exame, escripto com clareza e precisão admiraveis.

A' venda na redacção do jornal pedagogico *O Ensino*, livrarias França Amado e Moura Marques, em Coimbra; nas livrarias: José Figueirinhas Junior, Rua das Oliveiras — Porto, Ferreira & Oliveira, Rua do Ouro — Lisboa.

Preço 60 réis

Tabacaria

Transmontana

M. B. FERREIRA  
33—Couraça dos Apostolos—33

Café e Bilhar. Jornaes, revistas e publicações periodicos portuguezes e estrangeiros. Perfumarias e papelaria. Romances e assignaturas permanentes.

XLII

XXXIX

Não quebro, Nymphas, não; não quebro a lira,  
Que o fogo da paixão já tem passado:  
Se quebra-la intentei desesperada,  
No accesso foi da minha justa ira.

Hoje, já persuadido da mentira,  
Que me trazia tanto allucinado,  
Beijo a lira mil vezes, que afamado  
Vos tem, e ao patrio Vouga, que me inspira.

Bem que a ingrata me trate com destino  
Como posso rasgar, sem que o consinta,  
Versos, que Apollo guarda em seu lheiro?

Como posso borrar com negra tnita  
O que Amor escreveu com letras de oiro;  
O que a Fama espalhou, e a gloria pinta?

Na minha solidão, que triste habito,  
Mui distante de vós, ó companheiras,  
Onde as vouguenses aguas derradeirds  
Chegam, justificar-me necessito.

Francelio, surdo o amor, de Amor ao grito.  
Com expressões sophisticas e arteiras,  
Com as mais vergonhosas, vis maneiras,  
Finge um monstro cruel, fero inaudito.

Não são perjuros meus; de amar fastio  
E' quem o faz romper de Amor os laços;  
E' quem n'elle proíuz um tal desvio.

Ha muito que Francilio nos meus braços  
Passava por amante ser sombrio,  
Seus transportes de amor oh! quanto escassos

**Collegio Mondego**

COIMBRA

**Curso commercial**

1.º anno

Portuguez, Arithmetica, Fran-  
cez e Calligraphia.

2.º anno

Portuguez, Contabilidade com-  
mercial, Francez-pratico, Geogra-  
phia Commercial e Inglez.

3.º anno

Escreituração commercial, In-  
glez-pratico, Alemão, Cambios e  
Desenho.

4.º anno

Escreituração commercial, Al-  
lemão-pratico, Cambios, Historia  
commercial, comparação de me-  
thodos de escreituração e Calligra-  
phia.

**Curso para adultos.** (6 mezes)

Comparação dos systemas, Con-  
tabilidade commercial, Cambios,  
Escreituração por partidas dobra-  
dase Balanços.

**Instrucção primaria**

**Instrucção secundaria,** cur-  
so geral e complementar.

**Cursos de explicação** das

classes.

(Professores estrangeiros para  
o ensino de linguas.)

O director,

*Diamantino Diniz Ferreira.*

**EIXO-AVEIRO**

Augusto Martins Castendo,  
encarrega-se. por preços modi-  
cos, da confecção de malas de  
viagem em todos os tamanhos,  
e tanto de mão como de bicy-  
clette, em couro ou lona.

**ADUBOS CHIMICOS**

ALIPIO DOS SANTOS ORDENS

Cantanhede — Covões

Grande deposito de adubos da  
Companhia UNIAO FABRIL, sem du-  
vida os que tem dado mais resultado  
em todas as culturas.

Grande desconto a prompto paga-  
mento. Conducção a casa dos fre-  
guezes, para o que tem um serviço  
bem montado.

Vende tambem roldões por ataca-  
do e a retalho por preços convidati-  
vos.

Triumph Triumph  
**TRINDADE & FILHO**

Rua Direita Aveiro

Bicycletes, motocycletes e au-  
tomoveis dos melhores fabricantes  
Inglezes e francezes. Accessorios  
de todas as marcas.

Officina para concertos. Es-  
maltagem e nickelagem,  
Alugam-se bicyclettes.

Triumph Triumph

**Aos amadores dramaticos**

Acaba de sabir do prelo um ma-  
gnifico **Catalogo theatral** desi-  
gnando titulos, generos, actos, numeros  
e personagens (homens e senhoras),  
e preços de todas as comedias, dra-  
mas, operetas, duettos, monologos,  
cançonetas, etc., que se tem publicado  
hoje. Envia-se *gratis* pelo correio, a  
quem o requisitar á Livraria Edito-  
ra de Arnaldo Bordalio, rua da Vi-  
toria, 1.º, Lisboa.

**Ourivesaria e Relojoaria**

DE

A. E. Souto Ratolla & Irmão

Rua de Entre-Pontes

AVEIRO

N'esta casa encontrará o publico  
um lindo e fino sortido de objectos  
d'ouro e prata, bem como relogios de  
todos as qualidades e preços.

Relogios d'algebeira em ouro, pra-  
ta, aço, nickel, de parede, de meza,  
despertadores, com música ou cuco  
tanto nacionaes como estrangeiros.

Executam-se todos os concertos  
com a maxima perfeição e barateza  
Douram, prateiam e oxidam qual-  
quer objecto com perfeição.

Lunetas, oculos, binoculos, e ac-  
cessorios para os mesmos.

MERCEARIA

DE

Manuel dos Santos Almeida

Oliveira do Bairro — TROVISCAL

Esta casa é a que em melhores  
condições vende farinhas, sulfato,  
enxofre, ferragens, petroleo, sabão,  
assucar, pregos, ferros de engom-  
mar, emfim, todos os artigos que  
uma mercearia bem montada usa

Tambem se encarrega, por uma  
pequena percentagem, de fazer qual-  
quer encomendas do Porto.

**Machinas de costura**

PEAFFE E WHITE

M. M. C. Bastos & C.ª. (Successores)

376—Rua do Mousinho da Silveira—342

Todos devem preferir estas  
machinas, porque são as mais per-  
feitas e duradoras, tanto pelo es-  
mero do seu acabamento como pela  
excellencia da materia prima nellas  
empregada e pela simplicidade e  
solidez do seu fabrico.

Marcha absolutamente silen-  
ciosa. Ultimo aperfeicoamento,  
Rolamento sobre esferas que ga-  
rantem o seu funcionamento sem-  
pre igual. Especialidade em ma-  
chinas para sapateiros.

Agencias em todo o paiz.  
Agente em Aveiro, José Vida Ale-  
gre; em S. Bernardo, Manuel Can-  
ha Junior; agente geral no con-  
celho d'Anadia, José Maria Si-  
mões

**NOVA MERCEARIA**

DE

Sebastião G. de Magalhães

EIXO

N'este bem montado estabele-  
cimento vendem-se todos os artigos  
de mercearia, vinhos finos, fazen-  
das, etc.

*Os ultimos escandalos de Paris*

— Sensacional romance de Dubut  
Laforest, illustrada com numerosis-  
simas e esplendidas gravuras.

Faciculo semanal de 4.ª paginas  
e 5 gravuras, 50 reis. Volume men-  
sal de 160 paginas e 20 gravuras,  
200 reis.

Assigna-se em todas as terras do  
paiz onde "A Editora," tem agentes  
e na sede da empresa, — Lisboa —  
Largo do Conde Barão, 50

**Solicitador encartado**

José Nunes de Carvalho e Silva

EIXO

**CADEIAS**

POR

Thomaz da Fonseca

Esta formosissima poesia,  
encontra-se á venda nas princi-  
pales livrarias de Coimbra.

Pedidos á TYPOGRAPHIA  
DEMOCRATICA.

Preço, 100 reis

**CASAZELIF**

26 — RUA DO INFANTE D. AUGUSTO — 26

COIMBRA

Elyseu da Silva (Fernandes Vaz), participa aos seus estimaveis  
freguezes, que abriu o seu estabelecimento com loterias, tabacos,  
objectos de escriptorio, jornaes, publicações, etc.

Espera, por isso, dos seus dignissimos freguezes a fineza de o  
auxiliarem, visitando o seu estabelecimento, pelo que desde já se  
confessa muito grato.

**Elyseu da Silva,**

(Fernandes Vaz)

**TYPOGRAPHIA DEMOCRATICA**

Esta officina, que dispõe de material  
de primeira ordem, e onde se imprimem  
os jornaes: *O Ensino, Correio do Vouga,*  
*Justiça e Resistencia,* e as revistas: *O Por-  
tugal Chauffeur* e *Os Novos,* — encare-  
ga-se de executar todos os trabalhos typog-  
raphicos, por mais difficeis e delicados que  
sejam.

Ha material para a impressão de bor-  
dados e desenhos.

BILHETES DE VISITE

ARCO D'ALMEDINA

Desde 300 reis o cento

COIMBRA

**SONECOS**

de

**Candido Guerreiro**

*Em primorosa edição, com o retrato do auctor e  
capa illustrada.*

**Preço, 300 reis**

*A' venda nas livrarias e na redacção de*

*O ENSINO — Coimbra*

**Elementos de Gymnastica**

CONTENDO

**A ESCOLA DO SOLDADO SEM ARMA**

Para uso das escolas de habilitação para o magisterio, normaes e  
de instrucção primaria, em harmonia com o decreto  
n.º 8 de 24 de dezembro de 1904

**Edição do jornal pedagogico O ENSINO**

A' venda na redacção do mesmo jornal e na livraria França  
Amado.

**Tabacaria Silva**

**10 — Ao Caes (loja do redondo) — 11**

Loteria, tabacos, bebidas, cartas de jogar,  
papel de musica. Vinhos e muitos outros ar-  
tigos.

Agencia de carimbos de borracha, facsimiles  
e sinetes para lacre, de uma fabrica de Lisboa.

Preços — conforme tabella impressa do fabri-  
cante.

FIGUEIRA DA FOZ

XIXXX  
XL

XLI

Nymphas do Vouga, inda entre vós habito,  
Inda sois minhas doces companheiras,  
E ainda em minhas horas derradeiras  
Dar resposta a uma impostura necessito.

Se da ingrata Marília ouvis o grito  
Olhae, que as suas vozes são arteiras  
Que ella procura yer por mil manciaras  
Se coira o proceder seu inaudito.

Bem que velho, não tenho a amor fastio;  
A vil é que rompeu seus doces laços;  
A sua ingratição faz meu desvio.

Já não são travessieiros os meus braços,  
Em que ella ache prazer; ella sombrio  
Me fez, pois seus carinhos são escassos.

Que projecto, Francilio, que projecto  
O ciuime infernal, Cantor, te inspira!  
Livre d'esse Dragão melhor respira,  
Cobra outra vez o teu benigno aspecto.

Compassivo te mova o nosso affecto  
Reduzir a pedacos tua lira!  
Applaca, por quem és, Francelio, a ira,  
Revoga, pôr piedade, um tal decreto.

Lira, que co'a Apollina rivalisa,  
Que tem no Tejo e Vouga alto conceito,  
Que um divino cantor immortalisa,

Que importa, que cantasse um traidor peito?  
Se esta recordação te penalisa,  
Leve mancha no sol não é defeito.